



Limites

Capítulo 35

[ÚLTIMOS CAPÍTULOS]

criado e escrito por
GLAYDSON SILVA

direção geral
JOÃO PAULO RITTER

ESTE É UM PROJETO SEM FINS LUCRATIVOS.
QUALQUER MENÇÃO A ATRIZES, ATORES E MÚSICA SÃO PARA FINS
LÚDICOS.

ONTVPLAY © 2025. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

<https://ontvplay.com.br>

FADE IN:

1 INT. CASA DE ERNESTO - SALA - TARDE

1

A porta se abre. ERNESTO é o primeiro a entrar, de cabeça baixa, derrotado.

SIMÃO entra depois. Caminha devagar, com o rosto molhado de suor e lágrimas. Parece fazer esforço para andar. Seu rosto parece anestesiado.

SIMÃO cai sentado na cama, sob as próprias pernas, mas sempre virado para a mesma direção.

SIMÃO
O quê que foi isso?

Agora é a vez de MADALENA entrar, sorrindo satisfeita, leve, tranquila.

MADALENA
O que devia ter acontecido há muito tempo.

ERNESTO se vira para MADALENA, furioso.

ERNESTO
Como que tu tem coragem de falar uma coisa dessas, Madalena? Tu também saiu perdendo nessa história toda.

MADALENA
Saí mesmo. Desde o momento que eu aceitei me calar diante desse circo todo que vocês armaram pra virar carrapatos naquela família.

SIMÃO
A senhora não sabe o que tá dizendo.

MADALENA
Ah, sei sim. Como eu sei.

ERNESTO
Como foi que tu descobriu que a Bianca tá viva?

MADALENA
Isso não importa.

ERNESTO
Claro que importa. Tu tava me espionando?

MADALENA

Desiste, Ernesto. Nada vai fazer o jogo virar a teu favor. E tu também, Simão. Essa carinha de choro não convence ninguém.

SIMÃO se vira para MADALENA, furioso.

SIMÃO

Eu não sabia de nada. Eu também achava que ela tinha morrido.

MADALENA

A única pessoa que tu tinha alguma chance de convencer com esse teatrinho era o Gustavo. E ele não acreditou nem por um segundo. Tu acha que eu vou acreditar?

SIMÃO

Não é fingimento. É verdade. O vô nunca me falou que ela tava viva. Fala pra ela, vô.

ERNESTO permanece calado. Fica encarando SIMÃO com a maior calma do mundo.

ERNESTO

Eu preciso tomar um banho.

ERNESTO se vira e vai embora, subindo as escadas. MADALENA dá um sorrisinho sarcástico.

SIMÃO, chorando de raiva.

MADALENA

O circo acabou. O público já desocupou as arquibancadas. E eu devo dizer que eles não gostaram nada do espetáculo. Aproveitem que o picadeiro tá vazio. Desmontem a tenda e vão buscar outro lugar pra montar ela.

SIMÃO

O quê que a senhora tá dizendo?

MADALENA

Você e o seu avô foram longe demais agora. Eu não acredito mais em uma palavra que sai da tua boca. Eu não consigo nem respirar direito de saber que tô debaixo do mesmo teto que alguém que fez o que tu fez.

SIMÃO
Quê isso, vó?!

MADALENA
E quer saber do quê mais? Eu só permiti que tu viesse junto com a gente pra tu poder ir lá no teu quarto, juntar as tuas coisas e levar tudo embora. Porque a partir de hoje, tu não mora mais aqui.

EM SIMÃO, DESOLADO.

FADE OUT.

[ABERTURA]

FADE IN:

2 INT. HOSPITAL - QUARTO DE KAUAN - TARDE

2

KAUAN deitado na maca, levemente inclinada para cima.

Ao lado da maca, uma mesa de metal com uma bandeja de plástico em cima. Ali, um pote térmico aberto, com uma refeição pastosa. Uma colher de silicone afunda no pote e leva uma parte da refeição até a boca de KAUAN.

A colher encosta de leve no lábio inferior de KAUAN, que abre a boca lentamente e deixa a colher entrar. Ele fecha a boca e a colher é puxada para fora, saindo seca. KAUAN parece fazer um grande esforço para mastigar.

DA CRUZ, GUTO e RENATO observam atentamente. O ENFERMEIRO, perto da maca, indo pegar outra colherada da refeição pastosa.

ENFERMEIRO
Acho que fomos um pouco precipitados. Ele ainda não estava pronto para aquele exercício. Vamos voltar pro começo, então. Nada de grandes movimentos até segunda ordem.

DA CRUZ
É uma pena. Ele tava evoluindo tão bem.

RENATO
Fique tranquila, dona Da Cruz. Ele vai ter todo o tempo do mundo pra evoluir. Só tem que ser no tempo certo.

ENFERMEIRO

Disse bem, rapaz. A pressa é inimiga da perfeição.

KAUAN abrindo a boca e recebendo a última colherada. Seus olhos estão fixos em RENATO, enquanto ele mastiga com dificuldade.

RENATO percebe, mas tenta disfarçar. Os outros não percebem. O ENFERMEIRO se levanta, começando a recolher o pote e a bandeja.

ENFERMEIRO (CONT'D)

Eu volto logo.

KAUAN continua vidrado em RENATO.

RENATO, nervoso, tenta desviar o olhar. DA CRUZ e GUTO finalmente percebem.

DA CRUZ

O que foi, meu filho? Aconteceu alguma coisa?

KAUAN

(fraco)

Renato... Renato...

RENATO se vira para KAUAN, assustado.

GUTO

(animado)

Ele falou teu nome, Renato.

KAUAN

(fraco)

Sim... Renato...

DA CRUZ

Ele quer falar contigo, Renato. Fala com ele também.

DA CRUZ e GUTO empurram RENATO para perto da maca. Ele fica todo duro, com medo, sem saber o que fazer.

RENATO

Kauan... sim, eu me chamo Renato. Eu... eu namoro com o teu irmão. Eu conheci ele pouco tempo depois do teu acidente. Ele... ele me falou muito de ti... do tanto que ele queria que tu acordasse. Ele tá muito feliz. Todos nós estamos felizes de te ver acordado, se recuperando.

KAUAN
(fraco)
Você... você...

RENATO
Eu gosto muito do teu irmão. Fique tranquilo, minhas intenções com eles são as melhores. Senão, seu Januário e dona Da Cruz não teriam permitido que a gente tivesse junto. Se eles confiam em mim, tu pode confiar também.

KAUAN
Para, Renato... para... com isso...

RENATO se desespera, mas tenta disfarçar.

GUTO
Kauan? Quê isso?

RENATO
Kauan/

KAUAN
Renato... me diz...

RENATO
O quê? Dizer o quê?

KAUAN
O carro...

RENATO "congela". Está quase em pânico.

GUTO
Carro? Que carro?

DA CRUZ
Gustavo, para.

RENATO
Carro?

KAUAN
O carro... qual... qual cor?

DA CRUZ e GUTO se encaram, confusos e nervosos.

RENATO, desesperado, olhando para os lados, pensando no que fazer.

RENATO
Eu...

KAUAN

Eles... tinham... um carro. Ele apareceu lá. Mas... eu não consigo... lembrar... a cor... qual cor?

RENATO

Cor do carro? De quem?

KAUAN

Você... sabe...

Imediatamente, RENATO se vira para DA CRUZ e GUTO.

DA CRUZ

Que carro é esse, Renato? Do quê que ele tá falando?

RENATO,

EM RENATO, DESESPERADO.

3 INT. CASA DE ERNESTO - QUARTO DE ERNESTO E MADALENA - TARDE 3

ERNESTO deitado na cama, com outra roupa, falando ao celular. Parece irritado, mas não alterado.

ERNESTO

No fim das contas, eu tava certo em nunca mais querer conversa com vocês. Vocês entraram na minha vida só pra me atrapalhar. Até quando querem ajudar.

(T)

Pois deixe, compadre. Agora já tá tudo feito. Nada mais importa. Só sigam a vida de vocês que eu vou seguir a minha. E se livrem do meu contato, que eu vou me livrar dos de vocês também. Até nunca mais, compadre.

ERNESTO tira o celular da orelha e joga em cima da cama. Passa a mão na cabeça. Suspira, frustrado.

Não demora, e SIMÃO aparece na porta. Está com uma mochila estufada nas costas e carregando uma maleta de mão também estufada.

ERNESTO abre os olhos. Vê SIMÃO na porta. Não esboça nenhuma reação.

ERNESTO (CONT'D)

O quê que tu quer ainda, Simão?

SIMÃO
Não parece óbvio?

ERNESTO
Só vai. Pra quê tornar tudo mais
dramático?

SIMÃO
Porque eu quero respostas.

ERNESTO
Eu só queria te ajudar.

SIMÃO
Desse jeito?

ERNESTO
Não complica as coisas.

SIMÃO
Todo mundo tá achando que fui eu que
inventei essa mentira, e que tu tava
era me acobertando.

ERNESTO
Melhor assim.

SIMÃO
Melhor pra ti, né?

ERNESTO
E o quê que tem?

SIMÃO fica um tempo calado, quase chorando. Ele respira
fundo, tenta se controlar.

SIMÃO
Quer dizer então que tu não fez isso
pra me ajudar coisa nenhuma. Era só
uma desculpa pra tu poder conseguir o
que queria mais fácil.

ERNESTO
Foi.

SIMÃO
Eu confiei no senhor.

ERNESTO
Não, não confiou. Se confiasse mesmo,
tinha feito exatamente o que eu falei
pra tu fazer desde o começo.

SIMÃO, incrédulo.

ERNESTO (CONT'D)

O Gustavo nunca ia ter escolhido o filho do Januário antes de ti e a gente nunca ia ter sido pego. Mas tu preferiu fazer tudo errado, né? Taí. Olha só no que deu. A gente foi descoberto. Por tua causa. Por tua culpa, Simão.

SIMÃO

Tu queria só o dinheiro deles, né, vô?

ERNESTO

Deixa de ser sonso, Simão.

SIMÃO

Não me chama de sonso. Eu não sou igual o filho do Januário. Mas eu também não sou um golpista feito o senhor.

ERNESTO respira fundo e revira os olhos.

SIMÃO (CONT'D)

Eu gostava sim do Gustavo. Eu respeitava o seu Alessandro. E nunca tive nada contra a dona Glória. Eu não tinha motivo nenhum pra querer sugar o dinheiro deles pra luxar, pra passar na cara de quem quer que seja que eu subi de nível. Eu ia querer o Gustavo mesmo que ele morasse no Pirambu. Porque o que eu quero é o Gustavo, e não o dinheiro da família dele.

ERNESTO

Se ninguém acredita nesse teu papinho de que tu não sabia da farsa, eu acredito menos ainda nesse teu discursinho de bom moço de moral exemplar. Tu só tá falando isso porque o plano deu errado. Porque essa máscara de quem não liga pra dinheiro cai bem. Só que aqui tu não tem plateia, Simão. Ninguém vai te aplaudir porque tu tá falando o que eles querem ouvir não.

SIMÃO respira fundo, se controla para não chorar.

SIMÃO

Foi realmente um erro eu ter vindo aqui.

SIMÃO se vira e vai embora com suas bagagens, deixando a porta aberta.

ERNESTO revira os olhos de novo. Pega o celular de volta e começa a mexer nele.

Não demora, e agora é a vez de MADALENA aparecer ali na porta, olhando para ERNESTO com ódio.

Ao ver MADALENA, ERNESTO larga de novo o celular de lado, irritado.

ERNESTO

Mas será possível que vocês não vão mais me deixar em paz?

MADALENA

Quê que tu tá fazendo aqui ainda, hein?

ERNESTO

Isso é sério, Madalena?

MADALENA

Tu tá achando que vai ficar aí esparramado nessa cama, como se nada tivesse acontecido?

ERNESTO

Aquele circo deve ter sido muito divertido pra ti, não foi? Só que, pra mim, isso custou muito. Por sua culpa, eu fui mandado embora por justa causa. Sabe o quê que é isso? QUARENTA ANOS JOGADOS FORA. Não vou ter direito a nada do que eu acumulei esses anos todos. Não tem multinha, não tem FGTS, não tem nada. Sabe Deus com que dinheiro eu vou sustentar essa casa até arranjar outro emprego. Eu tenho que correr atrás de outra coisa. Mas antes, eu preciso descansar.

MADALENA

Tu tá louco se pensa que vai continuar aqui.

ERNESTO

Como é que é?

MADALENA

Isso mesmo. Tu não fica mais aqui não.

ERNESTO

Claro que fico.

MADALENA

Não fica não. Pode ir juntando suas coisinhas e arranjando outro lugar pra descansar.

ERNESTO

Mas de jeito nenhum. Essa casa tá no meu nome. Eu saio é porra daqui. Tem nem perigo.

MADALENA

Pode tá no nome de quem for, mas aqui tu não fica mais.

ERNESTO se levanta da cama.

ERNESTO

Ah, é? Tu quer que eu saia? Pois muito que bem, com que dinheiro tu vai pagar as contas daqui de casa? Tu pelo menos sabe como que paga uma conta de água ou de luz?

MADALENA

Eu sei me virar.

ERNESTO

Ah, sabe? Pois então vá se virar em outro lugar. Porque essa casa é minha e eu não arredo o pé daqui. Ou tu abaixa a crista e fica no teu lugar, ou tu pega tuas coisas e vai cantar de galo em outra fazenda. Porque aqui, o homem sou eu e ninguém fala mais alto do que eu.

MADALENA dá um tapa na cara de ERNESTO, que cai sentado na cama, em choque.

MADALENA, com ódio, tentando segurar o choro.

MADALENA

Como eu pude me casar com um bicho tão nojento feito tu?

ERNESTO

Como EU pude me casar com uma mulher tão pequena feito tu? Não é possível que tu nunca tenha percebido o tanto de vez que a sorte bateu na nossa porta e tu não quis deixar eu abrir.

MADALENA

Porque eu sou uma mulher de princípios. Eu nunca ia viver em paz comigo mesma sabendo que eu ganhei dinheiro passando os outros pra trás. E eu achando que tava botando juízo na tua cabeça.

ERNESTO

Eu ia te transformar em outra mulher, Madalena. Eu ia te dar uma vida melhor que a que o Maurício dá pra Bianca.

MADALENA

Até o momento que a polícia viesse bater na nossa porta, né? Aí, tu ia fazer toda questão do mundo que eu não abrisse a porta.

ERNESTO

Ingrata. É isso que tu é. Uma ingrata.

MADALENA se vira e começa a abrir as portas e gavetas do guarda-roupa.

MADALENA

Quer saber de uma coisa? Cansei. Cansei!

ERNESTO, observando com atenção.

MADALENA tirando uma maleta de mão de dentro do guarda-roupa.

Joga no chão e abre o zíper.

E começa a colocar AS ROUPAS DELA lá dentro.

ERNESTO abre um sorriso com o que vê.

MADALENA (CONT'D)

Já que eu sou essa âncora que joga contra o teu sucesso financeiro e prosperidade, então eu vou resolver isso. Vou deixar teu caminho livre. Não vai ter mais ninguém te impedindo de atender quando a sorte bater na tua porta. Só espero que tu tenha a curiosidade de olhar pro chão onde tu tá pisando.

EM ERNESTO.

4 EXT. FORTALEZA - TARDE

4

MONTAGEM: O TEMPO PASSA

01: CASA DE ERNESTO

SIMÃO, em frente à casa do avô. Abre a porta traseira de um Uber e entra no veículo.

Ele fecha a porta e se acomoda no banco. Olha para a fachada da casa, numa mistura de tristeza e raiva.

NELE, INDO EMBORA COM O CARRO.

02: CASA DE ALESSANDRO

GUSTAVO sentado no chão, fazendo carinho na barriga de BOLT, todo esparramado.

Ele sorri para o cachorro, mas logo desvia o olhar.

NELE, PENSATIVO.

03: CASA DE JANUÁRIO

DA CRUZ e GUTO, de frente para o portão de casa, acenam, sorridentes.

RENATO, ainda dentro do carro, acena de volta, mas sem a mesma alegria. Ele ainda está dentro do carro, no banco do motorista.

RENATO vai embora com o carro. DA CRUZ abre o portão e entra junto com GUTO.

NO PORTÃO, SE FECHANDO.

04: CASA DE DANIELA

NATHALIA, na porta, acenando para LUANA.

LUANA, acenando para NATHALIA enquanto entra no banco de trás do Uber.

Assim que o carro vai embora, NATHALIA fecha a porta.

05: CASA DE FERNANDA

FERNANDA se senta na cama ao lado de DAVI. Lhe passa uma colher e um pote com comida e vê ele começar a comer.

NELES, LUTANDO PARA NÃO CHORAR.

FIM DA MONTAGEM.

5 INT. HOTEL - QUARTO - TARDE

5

O interfone perto da porta começa a tocar.

Não demora, e BIANCA vai atender.

BIANCA

Alô?

(T)

Quem é?

MAURÍCIO se aproximando de BIANCA, curioso.

BIANCA (CONT'D)

Só um instante.

(p/MAURÍCIO)

Tu não vai acreditar em quem tá lá embaixo querendo falar com a gente.

MAURÍCIO

Quem?

NELES.

6 INT. HOTEL - SAGUÃO PRINCIPAL - TARDE

6

A porta do elevador se abre. BIANCA e MAURÍCIO saem juntos, sérios.

BIANCA

A gente achou melhor descer.

MAURÍCIO

Se puder ser rápido, a gente agradece. Vamos voltar pra Salvador amanhã.

EM SIMÃO, DIANTE DELES.

7 INT. DELEGACIA DE POLÍCIA - SALA DO DELEGADO - TARDE

7

A porta se abre. O POLICIAL entra em cena, tímido e um pouco assustado.

POLICIAL

O senhor mandou me chamar?

ALESSANDRO, em sua poltrona, olhando para o POLICIAL fixamente.

ALESSANDRO

Entra e fecha a porta.

O POLICIAL obedece. E vai se sentar na cadeira, diante da mesa de ALESSANDRO.

POLICIAL
Estou aqui, delegado.

ALESSANDRO
Eu sei.

POLICIAL
Em que posso ser útil?

ALESSANDRO
Pode começar falando há quanto tempo
você é cúmplice deles.

O POLICIAL "congela" na hora. Mas logo tenta disfarçar.

POLICIAL
Desculpe, não entendi.

ALESSANDRO
Certo. Vou tentar ser mais claro. Me
informe há quanto tempo você é o
informante do Pedro Paulo aqui
dentro.

POLICIAL
Deve estar havendo algum engano.

ALESSANDRO
Então que tanto assunto você tem com
o detento? Ou você realmente achou
que ninguém ia notar você visitando a
cela dele todos os dias?

O POLICIAL suspira, nervoso.

POLICIAL
O Federal te falou alguma coisa de
mim, delegado?

ALESSANDRO
Quem faz as perguntas sou eu. Abra
logo o jogo. O Federal, como você
falou, já interrogou o Pedro Paulo e
ele já te entregou. Se você não falar
tudo o que você sabe agora, eu faço
uma acareação com os dois.

O POLICIAL começa a se desesperar.

ALESSANDRO pega seu celular em cima da mesa, mas,
imediatamente, o POLICIAL segura sua mão.

POLICIAL

Eu falo tudo o que o senhor quiser ouvir, delegado.

ALESSANDRO sorri, satisfeito.

ALESSANDRO

Muito bem. Me diga: quando você começou a trabalhar com Pedro Paulo?

POLICIAL

Um ano.

ALESSANDRO

Qual a sua função no esquema?

POLICIAL

Contenção de danos. Repasso informações pra impedir o sucesso de operações de busca e apreensão. Em troca, ele me dá um bônus mensal no valor de 40% do meu salário.

ALESSANDRO suspira, frustrado.

ALESSANDRO

Esse era o seu preço?

POLICIAL

O senhor não tá entendendo, delegado. Meu orçamento aumentou muito por causa da gravidez da minha esposa. Esse bônus é o que tá fazendo a gente respirar aliviado no fim do mês. Se uma criança custa caro, imagina duas de uma vez só.

ALESSANDRO

Você também não tá entendendo. O que você acabou de fazer foi confessar crimes graves. Você está manchando a instituição e essa farda que você está usando.

ALESSANDRO pega o celular de novo e começa a mexer nele.

ALESSANDRO (CONT'D)

Me entregue sua arma e seu distintivo. Você está preso em flagrante por corrupção passiva e por integrar organização criminosa.

Contrariado, o POLICIAL pega a arma e o distintivo e coloca em cima da mesa.

EM ALESSANDRO, COLOCANDO O CELULAR NA ORELHA.

8 INT. CASA DE ERNESTO - SALA - TARDE

8

Tocam a campainha. Ninguém aparece.

Tocam novamente. ERNESTO aparece, descendo as escadas.

ERNESTO
Tô indo! Calma!

Tocam mais uma vez. ERNESTO alcança a porta e abre. Estranha o que vê.

ERNESTO (CONT'D)
Quê que é isso?

JONATHAN vai entrando, com a maior calma e tranquilidade do mundo.

JONATHAN
Boa tarde, senhor Ernesto.

ERNESTO
O quê que tá acontecendo? Como que tu chegou aqui?

JONATHAN
Eu tenho amigos, senhor Ernesto. Um deles me contou que essa casa estava desocupada e que, se eu escolhesse me mudar para cá, ninguém viria me incomodar tão cedo.

ERNESTO
Essa casa parece desocupada pra você?

JONATHAN
Nesse exato momento, ela me parece ocupada por duas pessoas que deveriam unir forças.

ERNESTO
Eu não tenho nenhuma razão pra me unir a você.

JONATHAN
Eu soube do revés que o senhor acabou de levar. Fiquei muito comovido, de verdade. Imagine, ser expulso a patadas, com uma mão na frente e a outra atrás, depois de dedicar uma vida inteira àqueles imbecis.

ERNESTO
Saia daqui. Agora.

JONATHAN
(ignora)
O senhor deve estar desesperado, sem saber o que fazer para pagar as contas no próximo mês. Mas eu tenho a solução para os seus problemas. Eu posso lhe ajudar a se manter. Mas obviamente, tudo nesse mundo é uma via de mão dupla. Minha oferta vem junto com uma contrapartida.

ERNESTO
Como você sabe tanto sobre mim?

JONATHAN
Muito simples, seu Ernesto.

JONATHAN se aproxima de ERNESTO, ameaçador.

JONATHAN (CONT'D)
Alguém precisou contar para a esposa do delegado do seu plano sórdido para enganar a família inteira com a morte da Bianca.

EM ERNESTO, DESESPERADO.

9 INT. HOTEL - SAGUÃO PRINCIPAL - TARDE

9

SIMÃO, ainda de frente para BIANCA e MAURÍCIO, que o encaram com desprezo.

SIMÃO
A gente precisa ter uma conversa definitiva.

BIANCA
Fale então. A gente tá ouvindo.

SIMÃO
Quem conversou com vocês? A dona Glória?

MAURÍCIO
A sua avó. Ela me procurou junto com a dona Glória.

SIMÃO
Como que ela descobriu... que era tudo mentira?

BIANCA

Ela nunca falou nada sobre isso pra gente.

SIMÃO

Quem contou pra ela não deve ter contado toda a verdade.

MAURÍCIO

Tu não veio pra cá pra repetir aquela história absurda de novo não, né?

SIMÃO

Eu não sabia. Eu juro. Eu sofri muito achando que a senhora tinha morrido.

BIANCA

Simão, pelo amor de Deus! Vocês nunca ligaram pra gente pra perguntar se era verdade!

SIMÃO

Porque ele nunca deixou! Perguntem pra vó! Ela também nunca ligou pra vocês porque o vô disse que vocês nunca iam falar com a gente!

MAURÍCIO

Isso é ridículo, Simão! Ridículo!

SIMÃO

Mas é verdade!

MAURÍCIO

No fim das contas, foi até melhor tu vir pra cá mesmo. Aqui, tu pode ficar junto com um parente com quem tu mais se identifica. Tu é cínico e rasteiro igual o teu avô. Não sei como a gente não pensou nisso antes.

SIMÃO, lutando pra não chorar.

SIMÃO

Não. Eu não moro mais com ele. Ele me expulsou de casa.

BIANCA

Por isso que tu veio de mala e cuia pra cá, né? Achou que era só contar essa historinha triste de novo que a gente ia se comover e te convidar pra voltar pra Salvador com a gente. Não é isso?

SIMÃO não aguenta e começa a chorar de novo.

MAURÍCIO

Como tu bem falou lá na casa da dona Glória. Essa aqui não é a tua mãe. Nós não somos mais os seus pais. Esqueça que a gente existe, Simão. Dê meia-volta e vá embora. E sem olhar pra trás. Porque nós vamos fazer o mesmo.

BIANCA e MAURÍCIO se viram e vão embora.

EM SIMÃO, DESOLADO.

10 INT. CASA DE ERNESTO - SALA - TARDE

10

JONATHAN, sentado à vontade no sofá.

Encara ERNESTO, do outro lado da sala, que o olha com desprezo.

JONATHAN

O senhor deve ter achado que a rua tava deserta e que ninguém ia escutar nada. Mas eu tava lá. Eu ouvi tudo. E assim que eu tive a oportunidade de me encontrar com a dona Glória, eu contei tudo.

ERNESTO

Por quê? O quê que eu te fiz? A gente mal se conhece.

JONATHAN

Eu não fiz isso por causa do senhor. Eu fiz isso por causa do seu neto. Ele me tirou algo que significava muito para mim. Então, parecia justo que eu também tirasse dele algo que significava muito para ele.

ERNESTO, pensativo.

ERNESTO

Se você diz.

JONATHAN

Mas eu repito que eu só quis prejudicar o Simão. O senhor não estava na minha mira. Afinal, mal nos conhecemos, não tenho e nunca tive nada contra o senhor.

ERNESTO

Um pouco tarde para pedir desculpas,
não acha?

JONATHAN

Talvez. Mas para eu reparar meu erro,
não.

ERNESTO

E como você pretende reparar esse
erro? Porque, como você deve saber,
isso me custou muito. Perdi tudo. E,
se eu não conseguir dinheiro logo, eu
perco até esse teto.

JONATHAN

O senhor chegou exatamente onde eu
queria chegar. Eu posso conseguir
dinheiro para o senhor. Não só o
dinheiro que o senhor precisa. Mas o
dinheiro que o senhor quer.

ERNESTO, desconfiado, mas interessado.

ERNESTO

E qual a sua contrapartida?

JONATHAN

Me acolha aqui em sua casa, como se
eu fosse o neto que o senhor sempre
sonhou ter. Um neto que se importa
com o senhor de verdade, que não mede
esforços para ver o senhor
confortável. Que não coloca os
desejos dele na frente das suas
prioridades.

ERNESTO

Conte mais.

JONATHAN

Seu neto também ajudou a tirar o meu
teto. Estou há meses vivendo igual um
nômade, batendo de porta em porta em
busca de um teto e sendo posto pra
fora igual saco de lixo em questão de
dias. Mas, pelo pouco que estou vendo
do senhor, eu penso que o senhor não
vai ter a coragem de manter esse
ciclo perverso funcionando.

ERNESTO

Pensou certo. Sua proposta é boa.
Parece que vale a pena.

JONATHAN

É só isso que lhe peço, senhor Ernesto. O seu teto. E que o senhor permita que meus amigos me visitem aqui.

ERNESTO, prestando atenção em JONATHAN.

JONATHAN (CONT'D)

O senhor não precisa aguentá-los, se não quiser. O senhor pode perfeitamente se recolher ao seu quarto quando eu recebê-los aqui: nem olhar para a cara deles o senhor vai. E eu garanto ao senhor que eles só vão entrar aqui quando eu estiver. Porque eu vou regular estritamente o que eles vão fazer, onde eles vão andar e no quê eles vão tocar. Para a sua segurança.

ERNESTO

Quanto eu vou receber por isso?

JONATHAN

Faça o seu preço, senhor Ernesto. Tenho certeza que consigo cobrir qualquer proposta sua.

ERNESTO, pensativo.

ERNESTO

Quatro mil. É o suficiente pra cobrir meus gastos.

JONATHAN sorri, satisfeito.

JONATHAN

Consigo lhe passar esse valor em espécie dentro de 48 horas.

ERNESTO

Fechado, então.

JONATHAN

Fechado, então.

EM JONATHAN.

11 INT. CONDOMÍNIO - SAGUÃO PRINCIPAL - TARDE

11

RENATO conduz seu carro até chegar em frente ao portão de entrada de veículos.

Eis que, de repente, algo chama a atenção dele.

MADALENA, sentada num banco, dentro de uma cafeteria do outro lado da rua. Ao ver RENATO, MADALENA se levanta, pega sua mala de mão e vai ao encontro dele.

RENATO
Dona Madalena? O quê que a senhora tá fazendo aqui?

MADALENA se aproxima de RENATO.

MADALENA
Renato, pelo amor de Deus. Você precisa me ajudar.

RENATO
Mas o que foi que aconteceu?

MADALENA
Eu tô há quase meia hora aqui fora te esperando. Eu tô na rua, não tenho pra onde ir. Só tu pode me ajudar agora. Pelo amor de Deus, Renato.

EM RENATO, NERVOSO.

12 INT. APARTAMENTO DE RENATO - SALA - TARDE

12

MADALENA, sentada no sofá, ainda aflita. RENATO se aproxima dela e entrega um copo d'água, que ela vira na boca com tudo.

RENATO
Calma. Cuidado.

Após tomar tudo, MADALENA entrega o copo para RENATO e puxa o braço dele, para ele se sentar ao lado dela.

RENATO (CONT'D)
Agora fala. O quê que aconteceu, dona Madalena?

MADALENA
Eu descobri tudo.

RENATO
Tudo o quê?

MADALENA
Meu marido e o meu neto. Eu descobri tudo o que eles fizeram pra poder se instalar na casa do delegado Moreno.

RENATO

Me conta tudo, dona Madalena.

MADALENA

Eu e o Ernesto nunca entendemos muito bem o fato do Simão gostar de homens. Mas eu sempre achei estranho a facilidade com que o Ernesto aceitou isso. Quer dizer, eu até entendia, mas não queria aceitar que ele fez o que fez por causa disso.

RENATO

E o que foi que ele fez?

MADALENA

Quando ele descobriu que o Simão gostava do Gustavo, ele começou a fazer de tudo pra botar o Simão lá dentro junto com ele. Quando o Gustavo adotou um cachorro, o Ernesto pressionou pra que eles contratassem o Simão pra adestrar o cachorro. Aí, depois que o Gustavo se separou do Guto, o Simão começou a namorar com ele. Mas a arma que eles usaram pra fazer esse namoro acontecer foi muito baixa.

RENATO, prestando atenção.

MADALENA (CONT'D)

Um belo dia, o Ernesto contou lá em casa que a minha filha tinha morrido. A mãe do Simão. Claro, todo mundo lá em casa ficou lá pra baixo, né? Só que isso foi na mesma época que o Simão começou a namorar com o Gustavo. Tu consegue entender onde que eu quero chegar, né?

RENATO

Sim. Que eles usaram isso pra comover o Gustavo e convencer ele a aceitar as investidas do Simão.

MADALENA

Exatamente. Só que, depois de um tempo, a dona Glória me procurou e me contou que era tudo mentira. A gente entrou em contato com eles e descobrimos que era tudo mentira mesmo. Minha filha tá viva. E veio pra cá pra acabar com o teatro todo.

RENATO

Eles foram desmascarados.

MADALENA

Sim. Contamos tudo pro delegado Moreno e pro Gustavo. Reunimos todo mundo lá na mansão do delegado, pra confrontar eles. Pra eles não inventarem de negar. E mesmo assim eles tentaram negar.

RENATO

Meu Deus...

MADALENA

Resumo da ópera: eles foram demitidos e expulsos da mansão. E quando chegamos em casa, o Ernesto ainda quis sair por cima. Botou o Simão pra fora de casa e depois me botou pra fora de casa também.

RENATO, nervoso, pensando no que fazer.

MADALENA (CONT'D)

E agora eu tô aqui. Sem ter pra onde ir. E se tu não puder me ajudar, eu vou ter que dormir na rua.

RENATO

Não. A senhora não vai dormir na rua. A senhora fica aqui.

MADALENA

Ah, Renato... eu nem sei como te agradecer, meu filho...

MADALENA tenta abraçar RENATO, mas ele se esquivava e se levanta do sofá.

RENATO

Mas eu tenho que te dizer isso, dona Madalena. Eu posso deixar a senhora dormir aqui por uns dias, mas não posso deixar a senhora aqui comigo por muito tempo.

MADALENA

Por que não?

RENATO

Por aquilo que eu já falei pra senhora. Porque eu também não vou mais ficar aqui por muito tempo.

MADALENA, tensa.

RENATO (CONT'D)
A senhora vai ficar aqui. Mas a
senhora vai ter que ver um outro
lugar pra ficar. Se quiser, eu ajudo
a senhora.

NELA.

13 INT. CASA DE JANUÁRIO - VARANDA - TARDE

13

Sons de palmas. Latidos de Zeus ao fundo.

A porta se abre. DA CRUZ aparece ali, confusa, mas não
desce.

SIMÃO aparece do lado de fora, com a mochila nas costas e a
mala de mão sobre os pés. Ele olha diretamente para DA CRUZ,
abatido.

SIMÃO
Dona Da Cruz...

DA CRUZ
Simão?

SIMÃO
Dona Da Cruz. Eu quero... eu preciso
falar com o seu filho Gustavo. Ele tá
em casa?

DA CRUZ sem reação. Não demora, e GUTO aparece ao lado dela
na porta.

GUTO
Mãe? Quem é?

GUTO olha para SIMÃO e também se assusta ao vê-lo.

GUTO (CONT'D)
Simão?

SIMÃO
Guto...

EM GUTO, CONFUSO.

CONTINUA...